

# A RECONSTITUIÇÃO DOS MITOS GENUÍNOS PARA A EDIFICAÇÃO DE *A CIDADE DAS DAMAS*

Karla Cristiane PINTAR\*

**RESUMO:** *A Cidade das Damas* [*Le Livre de la Cité des Dames*, 1405] é a proposta de uma ressignificação dos mitos. É a criação de uma Cidade constituída por valores morais e éticos, perdidos em proveito dos mitos tecnicados que foram elaborados para o controle de uma parcela da população e estabelecimento de poderes. Este artigo, portanto, tem o intuito de analisar a estratégia argumentativa da autora Christine de Pizan para desmitificar as crenças estabelecidas na sociedade do Medievo e voltar aos significados dos mitos genuínos que, na visão da autora, poderiam harmonizar o espaço ideal edificado dentro da obra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desmitificar. Mito genuíno. Mito tecnicado. Ressignificação.

## Introdução

O período do Medievo correspondente aos séculos XIV e XV, mais especificamente à época de transição entre eles, foi marcado por notáveis mudanças políticas que, indubitavelmente, estremeceram as até então inabaláveis crenças e dogmas que alicerçavam as estruturas política, econômica e religiosa da Idade Média. Isso, principalmente, pois, a partir do início do século XIV, dentre outros acontecimentos, o Grande Cisma marcou uma intensa querela entre duas fortes instituições, Igreja e Monarquia, visto que a primeira ganhava um expressivo poder, anuviando as forças do rei. Os laços resistentes entre essas duas entidades começaram, portanto, a ser revistos. Nos anos finais do Medievo, diante desse contexto, surgiram cada vez mais reflexões que pensavam a natureza humana

---

\* Doutoranda em Estudos Literários. UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Faculdade de Ciências e Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara - SP - Brasil. 14.800-903 - karlapintar@hotmail.com

e a vida política, dentro da sociedade, marcadas não somente pela influência eclesiástica – que ainda detinha grande respeito e atuação entre os povos –, mas também por novas ciências que foram primordiais para o desenvolvimento de diferentes crenças.

Esse breve contexto histórico é parte importante para elucidar a ideia do surgimento dessas novas crenças, tanto no âmbito político – no que diz respeito à estruturação da sociedade – quanto no religioso, já que estabeleceram visões múltiplas sobre os símbolos que regiam os ideais da Idade Média, isso tudo atrelado a uma das composições mais famosas nascida nessa época, ainda que pouco estudada no Brasil, da autora Christine de Pizan (2012): *A Cidade das Damas*<sup>1</sup>. Essa obra, valiosa pelo trabalho com a alegoria para a criação de um espaço considerado ideal pela autora sob o ponto de vista ético e moral, é repleta de passagens bíblicas e histórias pagãs, as quais cimentavam os costumes do Medievo, principalmente no que diz respeito à maneira de agir dos integrantes dessa época. A reunião dessas mulheres e de suas condições na simbólica Cidade poética (REIS, 2014) confere grande valor à narrativa, ao revisitar certas características da época para figurar um novo olhar sobre as histórias relatadas. O livro, porém, não se limita a trasladar essas histórias a essa Cidade ideal para a sua construção, mas sim ressignificá-las para que os indivíduos desse novo lugar, ou melhor, as damas que a compusessem, não levassem os vícios advindos dessa primeira ordem civilizatória. Assim, Christine de Pizan vive em um meio intelectual, com acesso a um estudo mais amplo do que aquele ofertado a seu gênero na época, e usa de seu vasto conhecimento em amplas áreas para estimular que o próprio leitor tenha uma nova interpretação do que já foi dito; os mitos e as crenças construídos durante séculos para organizar a sociedade são, por fim, (re)modulados.

O mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de “estar no mundo” ou as relações sociais. [...] O mito é, pois, capaz de revelar o pensamento de uma sociedade, a sua concepção da existência e das relações que os homens devem manter entre si e com o mundo que os cerca. (ROCHA, 1991, p.7).

---

<sup>1</sup> No original: *Le Livre de la Cité des Dames* (1405).

A reconstituição dos mitos genuínos para a edificação de *A Cidade das Damas*

A ideia de Everardo Rocha (1991) sobre o mito e sua utilidade é a base para entendermos a criação da Cidade das Damas, mesmo por meio dos mitos que já existiam. Ora, se eles já tinham um significado dentro da civilização medieval, a impossibilidade de utilizá-los para arquitetar um espaço diferente seria imediata, visto que surgiria outro idêntico. É nesse sentido que Pizan afirma a existência dessas narrativas e suas interpretações acerca delas na obra para, posteriormente, lembrar ao leitor que a nossa interpretação, assim como as histórias – verídicas ou não –, é composta de lacunas que levam a diferentes olhares e, muitas vezes, essas visões são capazes de deturpar imagens e situações.

Não se pode dizer o mesmo das manifestações do mito não genuíno, do mito “tecnificado” – segundo a definição de Kerényi –, ou seja, evocado intencionalmente pelo homem para conseguir determinados fins. [...] Eles se propõem a utilizar determinadas imagens míticas para conseguir determinados fins (que são geralmente fins políticos, por serem os tecnificadores do mito os discípulos de Sorel na maioria das vezes); sua linguagem não é, pois, uma linguagem comum à humanidade, senão somente comum a um determinado grupo social. As imagens de mito tecnificado são, além disso, imagens deformadas no sentido da finalidade dos tecnificadores, pelo mesmo fato de terem sido evocadas por eles intencionalmente, e não apresentadas espontaneamente pelo fluxo mítico. (JESI, 1972, p.39).

O homem medieval, ainda que com diversos estudos científicos ainda hoje de significativa relevância para a sociedade atual, mantinha uma forte ligação com seus mitos surgidos bem antes desses mesmos estudos e, inclusive, da própria civilização medieval. Arelados àquilo que regia tradições dentro do contexto, os indivíduos utilizavam seus mitos como forma de atribuir significados às formações políticas, religiosas e sociais para estabelecer normas que viabilizariam o que já era culturalmente imposto e aceito. Assim, o que Jesi (1972) analisa em sua obra *Literatura y Mito* acerca dos mitos genuínos e tecnificados auxilia na compreensão das intenções da autora frente à criação da Cidade ideal. Em *A Cidade das Damas*, as Damas celestiais descem até o quarto de estudo da personagem Christine – que leva o mesmo nome da criadora da obra – para retirá-la da alienação que a cegava a ponto de rechaçar quaisquer boas convicções em relação às mulheres. Ainda na visão delas, os mitos contorcidos, os que nomeamos “tecnificados”, difundidos no Medievo, serviam para estabelecer o poder daqueles que eram pouco dignos dentro da sociedade e, portanto, não poderiam ascender sem receber

calúnias e difamações. Eram maneiras, portanto, de pequenos grupos criarem interpretações que, apesar de não pertencerem ao coletivo, fossem disseminadas e, consequentemente, atingissem aquelas, nesse contexto, que deveriam exercer seu papel na sociedade de maneira que a tradição patriarcal não fosse questionada. Assim, a maioria dos escritos com os quais temos contato sobre a conduta das mulheres foi elaborada não pelas pessoas sujeitas àqueles que determinavam as regras, mas sim por aqueles que escreviam tais textos: os próprios homens. Dessa maneira, a imagem conhecida da mulher não era formulada a partir dela mesma, mas de outros olhos. Assim são os mitos tecnificados: auxiliam, pois, a propagar a interpretação que privilegia grupos sociais e influencia outros a seguir o mesmo raciocínio e, na maioria das vezes, esses novos significados têm intuítos políticos e sociais que estabelecem relações de poder.

Para rever essas ideias que contaminavam a Idade Média – e até mesmo períodos anteriores a ela –, Pizan não conta novas histórias, ela reinaugura significados dos mesmos mitos, usando o pensamento mais aceito entre o povo europeu. A base religiosa e aquilo que, em muitos momentos, é utilizado para argumentar contra o feminino, transforma-se no guia de Pizan para dar-lhe sustento ao mostrar que, desde as primeiras origens, as mulheres foram criadas para caminhar junto aos homens, com completude. Posto isso, ambos tinham o direito de tomar decisões e formular as próprias ideias, não dependendo, necessariamente, de que um ou outro tomasse a posição de superioridade para fazê-lo pelos dois, ou seja, não havia motivos para menosprezar qualquer um dos gêneros, seja física ou intelectualmente.

Assim, Pizan estabelece uma ordem em seu livro, contrária à anulação do intelecto feminino.

### **A ressignificação do mito: a renovação do ciclo**

A criança primordial, a divina criança dos mitos das origens, a órfã abandonada que vive a primeira hora do mundo, enfrenta precisamente estes perigos e escuta vozes da natureza. Diante dela, privada de pai e mãe, a natureza é simultaneamente maternal e perigosa, auxiliadora e mortal. Essa criatura goza de excepcionais poderes sobre as forças naturais, mas está também exposta a toda sorte e ameaças [...] A figura do órfão parece ter que ser assim, por difundir-se nela a experiência dos terrores do homem somente no mundo primordial e a confiança em uma fatal repetição: confiança na salvação [...] (JESI, 1972, p.12).

Assim como a criança órfã que está à mercê da natureza para esperar pela salvação, Christine também passa por esse momento de solidão, de desespero frente às ideias que ameaçam sua integridade como mulher e como pessoa que é capaz de contribuir social e politicamente para a construção do contexto. A criança órfã, assim como analisada por Jesi, é a renovação do ciclo e a certeza de que a salvação estará próxima, já que houve tempos de medo, desilusões e profanações, ou seja, a experiência da vida trouxe, ao cabo, a metamorfose representada, por um lado, pelas lágrimas de desespero e tristeza de Christine e, por outro, pela chegada das Damas para (re)contar as histórias e dar-lhes novos significados, reiniciando, assim, um ciclo. O mito genuíno, nesse sentido, apresenta-se não como a renovação de um ciclo que carregaria as mesmas interpretações para a construção de uma cidade, mas sim na questão de essa Cidade, com os mesmos mitos – porém com significados aceitos coletivamente –, ser um embrião, um marco inicial para que outro ciclo se formasse com a purificação do anterior, deturpado por visões individuais que utilizavam a subjetividade para controle, visto que, nesse estado, o mito perde seu valor de coletividade, beneficiando o individualismo.

Não é, no entanto, puramente a criação de um novo espaço que restabeleceria a ordem uma vez perdida frente aos valores morais e éticos. É preciso que existissem pessoas dispostas a acolher o mito genuíno dentro dessa Cidade para que ela funcionasse de acordo com as verdades ditas pelas Damas celestiais: Razão, Retidão e Justiça. Nesse sentido, Jesi comenta, no capítulo *Mito y lenguaje de la colectividad*, da obra *Literatura y mito*, que “[...] o mito genuíno pode também tomar aparências horríveis na obra de artistas que, longe de querer tecnicizar o mito, estão intimamente marcados por enfermidades espirituais.” (JESI, 1972, p.40), ou seja, ainda que muitos não tenham a intenção de deturpar o sentido do mito aceito pela comunidade em geral, eles podem, contaminados por essas ideias, carregar consigo uma cultura que prejudicaria a todos, caso não houvesse uma intenção de reconstituir as virtudes que são citadas ao longo da obra. Por esse motivo, as Damas aconselham e auxiliam Christine a selecionar mulheres virtuosas, dentre elas aquelas que seguiram uma vida correta em relação aos mandamentos divinos, ou aquelas que, mesmo tendo cometido erros, se mostraram arrependidas e dispostas a mudanças, para compor essa Cidade:

[...] viemos anunciar-te a construção de um edifício, construído como uma cidade fortificada, com excelentes fundamentos. Foste tu a escolhida para realizar, com nossa ajuda e conselhos, tal construção, onde habitarão todas as

damas de renome e mulheres louváveis, uma vez que os muros de nossa cidade serão fechados a todas aquelas desprovidas de virtudes. (PIZAN, 2012, p.66).

Portanto, as crianças órfãs que habitarão essa Cidade são aquelas que reforçam o mito genuíno e renovam o ciclo, fazendo com que as tecnificações sejam marginalizadas e deem espaço àquelas que se dispuseram a pensar na coletividade. Nesse aspecto, há a volta à infância, ao primeiro estágio de desenvolvimento humano, à purificação para a construção de uma nova vida. Para iniciar essa renovação, a projeção aristotélica na hierarquia dos sexos, mostrando que a mulher seria um macho defeituoso, é desfeita a partir do momento em que a aparição das Damas abrange o local de clausura (onde Christine se encontrava desolada por acreditar ser uma mulher vil por todos os maldizeres), transformando-o em local de libertação, ainda que dentro do mundo das ideias. Como claustro do conhecimento, *A Cidade das Damas* é, ao mesmo tempo, tanto um local restrito quanto libertador para Christine e para todas as mulheres a quem ela proporciona a voz, sendo necessário destacar a restrição dessas mulheres quanto a sua posição dentro da sociedade: somente aquelas selecionadas pelas Damas Celestiais são providas de “constância, nobreza e virtude” (PIZAN, 2012, p 158).

Sob esse ponto de vista, o que é mais pontuado na obra de Christine de Pizan é a escrita feita por meio da atividade de “desmitificação”, assim assinalado por Jesi: “[...] a eventualidade ou a faculdade de liberar os elementos da nossa civilização de seus componentes míticos já não genuínos, chegados a se acumular até o ponto de falsear nossos olhos frente ao autêntico significado da palavra ‘mito.’” (JESI, 1972, p.53). Pizan busca voltar a esse significado primeiro e atrelado ao estado de vigília<sup>2</sup> da população para que haja o estabelecimento da ordem com histórias que não condenem pessoas virtuosas, mas que atribuam uma nova visão para o reconhecimento de diversos outros vieses interpretativos, desde que não firam as possibilidades de compreensão concedidas pelo campo do saber. Se não há, portanto, uma coletividade na aceitação do mito, ele, não servindo aos valores religiosos e não se transformando, pois, em religião, acaba tecnificando e servindo aos valores políticos e, muitas vezes, destituídos de ética e moral,

---

<sup>2</sup> O “estado de vigília”, diferente do “estado de sonho”, é cunhado por Jesi como a maneira de analisar tanto o mito genuíno quanto o tecnificado dentro da sociedade. O mito genuíno, por fazer parte da coletividade, sempre é aceito quando não há a subjetividade de um pequeno grupo envolvido, ou seja, a crença pertence a todos e a eles rege para a organização social. Esse mito surge, portanto, não com determinados fins e de maneira pensada, ele é mais antigo que a própria formação social e está intrinsecamente ligado a ela. Sob outro aspecto, o mito tecnificado surgiria dentro de uma sociedade e ligado ao estado de sonho, já que um grupo minoritário se aproveita dessa falta de atenção da população quando ela esta “adormecida” e cria significados com fins políticos, geralmente.

levando à coercitividade popular, como analisa Jesi justificado pelo pensamento de Nietzsche (JESI, 1972).

Os ensinamentos bíblicos, assim como mencionado anteriormente, são fundamentais para a criação da obra, pois representam o alicerce tanto da Cidade, por compor as leis de valores morais e éticos, quanto de argumentos para a crítica da postura daqueles que tecnicaram os mitos. Pizan, para isso, mostra como foram pouco prudentes muitos autores e representantes sociais ao somente se guiar pelas leis estabelecidas na terra e não considerar as benignas e sóbrias leis transcritas nos ensinamentos divinos. Afinal, aquele que acreditava em Deus e seguia o sagrado livro não se desviaria de virtudes:

Será que o Criador Soberano teria vergonha de criar e formar o corpo feminino e a Natureza se envergonharia disso? Eis o cúmulo da tolice dizer isso. [...] Mas há loucos que acreditam, quando eles escutam dizer que Deus fez o homem a sua imagem, que se trata do corpo físico. Isso está errado, pois Deus ainda não havia tomado forma humana. Trata-se, ao contrário, da alma, a qual é consciência sensata e durará eternamente à imagem de Deus, E, essa alma, Deus criou tão boa, tão nobre, idêntica no corpo da mulher como no corpo do homem. (PIZAN, 2012, p.81-82).

Para justificar essa assertiva, poucas páginas após iniciar os exemplos sobre as mulheres virtuosas que habitarão o reino das Damas, a Dama Razão e Christine continuam as argumentações para a fortificação da Cidade com as pedras do reino do saber que formarão a sua estrutura. Para isso, Razão pede que Christine pegue da pá de sua pluma para colocar uma das maiores pedras que embasarão a Cidade: a história da rainha Semíramis. Ao falar sobre essa rainha, essa Dama enfatiza sua história, particularmente por se tratar de uma dama representada no *De Claris Mulieribus* por Boccaccio<sup>3</sup>. O que ele faz, no entanto, é somente mostrar que ela havia sido uma mulher dada à concupiscência, ou seja, indigna de ser mostrada nos escritos juntamente com outras de maior dignidade por manter relações sexuais com seu filho e casar-se com ele. Porém, com grande astúcia, a Dama, mencionando Boccaccio e seu valor em escrever sobre as mulheres, mostra que, apesar de seus atos, ela teve motivos suficientes para cometê-los e justifica-los.

---

<sup>3</sup> *De Claris Mulieribus* (1361-1362), onde Giovanni Boccaccio apresenta uma reunião de 106 biografias de mulheres (tanto da mitologia greco-romana quanto das também participantes da história desses povos, incluindo algumas personagens bíblicas e outras contemporâneas ao escritor) e diversos de seus célebres feitos no decorrer da história, sendo eles condenados ou não. Confira Boccace (2013).

É bem verdade que muitos a criticaram – e com todo direito, se ela tivesse vivido sob nossas leis – pelo fato de ela ter se casado com um filho que havia tido com Nino, seu esposo. Mas, os motivos que a levaram a fazer isso foram dois: o primeiro é que ela não quis que no seu império houvesse outra dama coroada além dela, o que seria inevitável se seu filho se casasse com outra; e outro motivo é que para ela nenhum outro homem era digno de tê-la como esposa, a exceção de seu próprio filho. Mas, apesar de ser um pecado muito grande, essa dama não tem que se desculpar, pois ainda não havia lei escrita na época. As pessoas viviam assim, agindo como melhor lhe parecesse, segundo a lei da Natureza, sem que fosse considerado pecado. Não há dúvida de que, se ela pensasse que estaria agindo mal ou que poderia ser repreendida por isso, não teria se comportado assim, pois ela tinha um coração muito nobre e generoso, e prezava muito sua honra. (PIZAN, 2012, p.101).

Ora, inicialmente é possível observar que a Dama Razão usa das leis instituídas na sociedade para, por elas mesmas, tirar da tecnificação a história de Semíramis: se a rainha não fazia parte do mesmo tempo e campo jurídico a que pertence o povo que (re)conta sua história, não é possível condená-la por um ato não sentenciado em seu tempo, ou seja, não há regras infringidas. Assim, o mito genuíno retoma suas formas nas palavras de Pizan, visto que, com prudência, a autora consegue conciliar sobriamente tanto campo político quanto campo divino para a reconstituição das histórias deturpadas pelos mitos tecnificados.

Arquitetar a Cidade para dar espaço aos significados genuínos que os mitos possuíam, principalmente os bíblicos, foi ao mesmo tempo tão fundamental para a árdua construção desse espaço ideal quanto, e primordialmente, para destituir do poder aquelas crenças que subestimavam a capacidade das mulheres perante as decisões sociais e políticas da Idade Média. Os mitos, muitas vezes em sua existência secular, são ponto nevrálgico para a elaboração e manutenção de costumes sem os quais uma sociedade não poderia manusear o caos em que ela está envolvida. Não obstante, a passagem das personagens criadas por Christine de Pizan por esses momentos de profanação – algumas mais que outras – suscitou o entendimento da renovação do ciclo para a reconstituição do mito, sendo que aqui, mesmo com a construção também de um contexto social com alguém ocupando cargo de poder, os mitos não seriam usados para rebaixar algum gênero, mas sim demonstrar que o gênero antes considerado vil era capaz de edificações belas, harmônicas e fortes.



## Considerações finais

As passagens apresentadas no texto, em que há a tomada de consciência pela personagem do seu verdadeiro papel na sociedade, desde a cegueira em que se encontrava Christine até o diálogo com as Damas para que ela saísse desse espaço de sombras onde se encontrava, alegorizam a necessidade de o indivíduo, calado por difamadores tomando o papel de tecnificadores de mitos, assumir uma posição em que virtudes como coragem e fé se instalam para ocultar todos aqueles que proferiram infâmias. Pizan, construindo uma Cidade com o intuito de que imperem a Razão, a Retidão e a Justiça, mostra a falta dessas virtudes dentro da sociedade da Idade Média, criticando também a maneira como os seres humanos modificam esses valores divinos de modo egoísta, presando o bem individual e não o bem comum, o que seria ideal de acordo com os mandamentos das Sagradas Escrituras. Os mitos, portanto, enquanto utilizados para o bem individual, nunca poderiam ser suficientes para que um espaço ideal, onde imperasse o estado de vigília dos cidadãos, fosse criado.

### ***THE RECONSTITUTION OF THE GENUINE MYTHS FOR THE CONSTRUCTION OF “LE LIVRE DE LA CITÉ DES DAMES”***

**ABSTRACT:** *The Book of the City of Ladies [Le Livre de la Cité des Dames, 1405], by Christine de Pizan, proposes a resignification of myths. It depicts the creation of a City driven by moral and ethical values, which are lost at the expense of the technified myths that had been created to control part of the population and to establish powers. Therefore, the present paper aims to assess the authoritative strategy that the author used to demystify the beliefs established in the society of the Middle Ages, and retrieve the meanings of the genuine myths that, in the author's view, could harmonize the ideal space built within her work.*

**KEYWORDS:** *Demystify. Genuine myth. Technified myth. Resignification.*

## REFERÊNCIAS

BOCCACE, G. **Les femmes illustres**. Texte établi par Vittorio Zaccaria. Traduction, introduction et notes de Jean-Yves Boriaud. Paris: les Belles lettres, 2013.

JESI, F. **Literatura y mito**. Traducción de Antonio Pigrau Rodríguez. Barcelona: Barral editores, 1972.

PIZAN, C. **A Cidade das Damas**. Tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. Florianópolis: Mulheres, 2012.

Karla Cristiane Pintar

REIS, M. V. X. **Desleituradas em Pizan**. Universidade de Brasília. Brasília: 139653. 2014.

ROCHA, E. **O que é mito**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

### **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

JULIANI, T. J. A construção do *Livre de la Cité des Dames* (1405) de Christine de Pizan. **Revista Eletrônica Língua, literatura e ensino**, Campinas, v.II, p.191-197, maio 2007.

LE GOFF, J. **Em busca da Idade Média**. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.

